

NICHOLAS SPARKS

*Um amor  
para recordar*



# Capítulo 1



**E**m 1958, Beaufort, no litoral da Carolina do Norte, perto de Morehead City, era um lugar como muitas outras cidades pequenas do sul dos Estados Unidos. Era o tipo de lugar onde a umidade do ar era tão alta no verão que ir até a caixa de correio para pegar as cartas fazia com que as pessoas sentissem que precisavam tomar um banho, e as crianças andavam descalças de abril a outubro sobre carvalhos cobertos de musgo espanhol. As pessoas acenavam de seus carros sempre que viam alguém na rua, mesmo que não conhecessem a pessoa, e o ar cheirava a pinho, sal e maresia, um aroma que só existe nas Carolinas. Para muitas das pessoas dali, pescar em Pamlico Sound ou catar caranguejos no rio Neuse era um meio de vida, e havia barcos ancorados sempre que se olhava para a hidrovia intralitorânea. Havia apenas três canais de televisão, embora ela nunca tivesse sido importante para aqueles de nós que cresceram por ali. Em vez disso, vivíamos nossa vida em função das igrejas, e havia 18 delas dentro dos limites da cidade, e tinham nomes grandes, como a Igreja Cristã do Salão da Amizade, a Igreja dos Perdoados, a Igreja da Purificação Dominical, e, além dessas, é claro, as igrejas batistas. Quando eu era adolescente, essa era a denominação mais comum, e havia igrejas batistas em praticamente todas as esquinas da nossa cidade, embora

cada uma se considerasse superior às outras. Havia igrejas batistas de todo o tipo — Batistas do Livre-Arbítrio, Batistas do Sul, Batistas Congregacionais, Batistas Missionários, Batistas Independentes... Acho que dá para ter uma ideia.

Naquela época, o maior evento do ano era patrocinado pela igreja batista do centro da cidade — a Batista do Sul, se você realmente quer saber — em conjunto com a escola de ensino médio local. Todos os anos faziam um espetáculo de Natal no Teatro Beaufort — na realidade, uma peça escrita por Hegbert Sullivan, um pastor que estava na igreja desde que Moisés abriu as águas do Mar Vermelho. Certo, talvez ele não fosse tão velho assim, mas era velho o bastante para que se pudesse enxergar através da pele dele. Era uma pele que estava o tempo inteiro úmida, e chegava a ser transparente — as crianças juravam que conseguiam ver o sangue circulando nas veias por baixo da pele do homem — e seu cabelo era tão branco quanto aqueles coelhos que os donos das lojas de animais de estimação colocam à venda na época da Páscoa.

De qualquer forma, ele escreveu aquela peça, chamada de *O Anjo do Natal*, porque não queria continuar vendo o velho clássico de Charles Dickens no palco, *Um Conto de Natal*. Na sua concepção, Scrooge era um herege, que chegou à redenção apenas porque viu fantasmas, e não anjos — e quem disse que os fantasmas haviam sido mandados por Deus? Quem disse que ele não voltaria a ter seu comportamento pecaminoso, já que os fantasmas não vieram diretamente do céu? A peça de Dickens não deixava isso exatamente claro — afinal, é uma questão de fé — mas Hegbert não confiava em fantasmas que não eram explicitamente enviados por Deus, e esse era o maior problema com *Um Conto de Natal*. Há alguns anos ele mudou o final da peça — utilizando sua própria versão, na qual o velho Scrooge se torna um pregador, viajando para Jerusalém para encontrar o local onde Jesus falava aos apóstolos. Não funcionou muito bem — nem mesmo para a

congregação, que assistia ao espetáculo com os olhos arregalados — e o jornal havia publicado comentários como “Apesar de interessante, não era exatamente a peça que nós todos conhecemos e amamos...”.

Assim, Hegbert decidiu tentar escrever sua própria peça. Durante toda a sua vida escreveu seus próprios sermões, e alguns deles, devemos admitir, realmente eram interessantes, especialmente quando falava sobre a “ira de Deus descendo sobre os fornicadores” e todas aquelas coisas agradáveis. Eu posso afirmar que o sangue dele realmente fervia quando falava sobre os fornicadores. Esse era o seu ponto nevrálgico. Quando éramos mais novos, meus amigos e eu nos escondíamos atrás das árvores e gritávamos, “Hegbert é um fornicador!” quando o víamos andando pela rua. Nós ríamos como idiotas, pensando que éramos as criaturas mais inteligentes que já habitaram o planeta.

O velho Hegbert parava de caminhar e suas orelhas tremiam — eu juro por Deus que elas realmente se moviam — e ele chegava a ficar vermelho de raiva, como se tivesse bebido gasolina, e as veias esverdeadas no seu pescoço saltavam como aqueles mapas do rio Amazonas que aparecem na revista *National Geographic*. Ele olhava de um lado para o outro, seus olhos apertando até se tornarem fendas estreitas enquanto nos procurava. E então, da mesma maneira repentina, começava a empalidecer novamente, com aquela pele de peixe de novo, bem diante dos nossos olhos. Era realmente algo incrível de assistir, eu garanto.

Assim, nós nos escondíamos atrás de uma árvore, e Hegbert (que espécie de pai chama seu filho de Hegbert, hein?) ficava lá parado, esperando que aparecêssemos, como se pensasse que fôssemos bobos a ponto de nos entregarmos. Nós cobríamos a boca com a mão para não rirmos alto, mas de alguma forma sempre nos encontrava. Ele olhava de um lado para o outro e então parava, com aqueles olhos saltados nos encarando diretamente, enxergando através da árvore. “Eu sei quem é você, Landon Carter”, ele dizia, “e o Senhor também sabe.” Ele esperava um minuto, mais ou menos, até que a mensagem fosse

absorvida, e finalmente voltava à sua caminhada. E, durante o sermão daquele fim de semana, ele olhava direto para nós e dizia algo como “Deus é piedoso para com as crianças, mas as crianças devem ser dignas também”. E nós meio que baixávamos a nossa cabeça, não devido à vergonha, mas para ocultar uma nova rodada de risadas. Hegbert não conseguia nos entender, e isso era bem estranho, porque ele também era pai. Talvez as coisas fossem diferentes, pois era pai de uma garota, mas prefiro falar sobre ela mais tarde.

De qualquer forma, como eu dizia, Hegbert escreveu *O Anjo do Natal* e resolveu que essa seria a peça apresentada no final do ano. A peça em si não era ruim, devo admitir, e surpreendeu a todos no primeiro ano em que foi encenada. Basicamente, era a história de um homem que havia perdido sua esposa alguns anos antes. Esse homem, Tom Thornton, era muito religioso, mas teve uma crise de fé depois que sua esposa morreu durante o parto. Ele cria a filha sozinho, mas não é o melhor dos pais, e o que a garotinha realmente quer ganhar no Natal é uma caixinha de música especial com um anjo esculpido na tampa. Ela havia recortado a fotografia de um velho catálogo. O homem procura longa e intensamente pelo presente, mas não consegue achá-lo em lugar nenhum. Então, chega a véspera do Natal e ele ainda está procurando pela caixa de música, e, enquanto procura pelas lojas, se depara com uma mulher estranha, que nunca havia visto, e ela promete ajudá-lo a encontrar o presente para a sua filha. Entretanto, antes disso, eles ajudam uma pessoa sem-teto (que naquele tempo era chamada de esmoleiro), e depois param em um orfanato para visitar algumas crianças, e por fim, visitam uma mulher solitária, que só queria ter alguém para lhe fazer companhia na véspera de Natal. Nesse ponto, a mulher misteriosa pergunta a Tom Thornton o que ele deseja ganhar no Natal, e ele diz que gostaria de ter sua esposa de volta. Ela o leva até o chafariz da cidade, dizendo que ele deve olhar para a água e encontrará aquilo que está buscando. Quando ele olha para a água, vê

o rosto de sua filha, e começa a chorar ali mesmo. Enquanto chora, a mulher misteriosa foge. Tom Thornton procura por ela, mas não consegue achá-la em lugar nenhum. Ele volta para casa, com as lições da noite ainda fortes em sua mente. Ele entra no quarto da filha pequena, que já está dormindo, e percebe que ela é tudo que restou de sua esposa. Tom começa a chorar novamente, porque sabe que não tem sido um bom pai. Na manhã seguinte, magicamente, a caixinha de música está debaixo da árvore de Natal, e o anjo esculpido na tampa tem exatamente a mesma aparência da mulher que ele viu na noite anterior.

Não era ruim, de maneira nenhuma. Na verdade, as pessoas choravam a cântaros sempre que assistiam à apresentação. A peça tinha a lotação esgotada todos os anos, e, por causa da sua popularidade, Hegbert teve de tirar a peça da igreja e levá-la para o teatro de Beaufort, que tinha uma capacidade de público bem maior. Naquela época eu estava no último ano do ensino médio. Os espetáculos aconteciam em duas sessões com a lotação esgotada, e, considerando quem atuava na peça, era uma história em si mesma.

Perceba: Hegbert queria que pessoas jovens atuassem na peça — os que estavam no último ano do ensino médio, não o grupo de teatro. Eu imagino que ele pensava que seria uma boa experiência antes que os alunos do último ano saíssem da cidade e fossem para alguma faculdade, ficando frente a frente com os fornicadores. Você sabe, ele era o tipo de pessoa que sempre queria nos salvar das tentações, e que soubéssemos que Deus sempre está zelando por nós, mesmo quando estamos longe de casa, e que, se você confiar em Deus, tudo vai dar certo no final. Era uma lição que eu acabaria aprendendo com o tempo, mas não seria Hegbert que a ensinaria para mim.

Como eu disse antes, Beaufort era uma cidade típica do sul dos Estados Unidos, embora tivesse uma história bem interessante. O pirata Barba Negra uma vez chegou a ter uma casa lá, e acredita-se que o seu

navio, *A Vingança da Rainha Anne*, esteja enterrado na areia em algum lugar perto do litoral. Recentemente, alguns arqueólogos, oceanógrafos, ou sabe-se lá que tipo de gente que procura por essas coisas, disseram que o haviam encontrado, mas ninguém tem certeza ainda, pois não dá para simplesmente abrir o porta-luvas e verificar o registro daquele veículo. Beaufort mudou bastante desde a década de 1950, mas ainda não é exatamente uma grande metrópole nem nada do gênero. Beaufort era, e sempre será, uma cidade de pequeno porte. Quando eu era criança, ela mal aparecia nos mapas. Para ilustrar essa situação, o distrito congressional que incluía Beaufort abrangia toda a parte oriental do Estado — mais de 50 mil quilômetros quadrados — e não havia uma única cidade com mais de 25 mil habitantes. Mesmo comparada àquelas cidades, Beaufort sempre era vista como sendo de pequeno porte. Tudo que havia a leste de Raleigh e a norte de Wilmington, até a divisa com o Estado da Virgínia, era o distrito que o meu pai representava.

Eu acho que você já deve ter ouvido falar dele. Ele é meio que uma lenda, mesmo nos dias de hoje. Seu nome é Worth Carter, e foi congressista durante quase 30 anos. O seu *slogan* durante a época das eleições, que aconteciam a cada dois anos, era “Worth Carter representa \_\_\_\_\_”, e a pessoa deveria preencher aquele espaço com o nome da cidade onde residia. Eu me lembro de algumas viagens, quando eu e a minha mãe tínhamos de aparecer com ele para mostrar às pessoas que ele era verdadeiramente um homem de família. Dava para ver adesivos de para-choque com o *slogan* do meu pai, e nomes como Otway, Chocawinity e Seven Springs pintados com estêncil. Hoje em dia esse tipo de campanha não daria certo, mas naquela época era uma espécie relativamente sofisticada de publicidade. Eu acho que, se ele tentasse usar essa técnica nos dias de hoje, seus adversários políticos provavelmente colocariam todo o tipo de palavras obscenas no espaço em branco, mas, naquela época, nós nunca chegamos a ver algo do tipo. Exceto uma vez. Um fazendeiro do condado de Duplin escreveu a

palavra *ordinário* no espaço em branco, e quando minha mãe viu aquilo, cobriu meus olhos e fez uma prece, pedindo que o pobre bastardo ignorante fosse perdoado. Ela não usou exatamente essas palavras, mas eu entendi o que havia por trás delas.

Assim, meu pai, o Senhor Congressista, era um figurão, e todo mundo sabia disso, até mesmo o velho Hegbert. Eles não se davam bem, de jeito nenhum. E, apesar disso, meu pai ia à igreja de Hegbert sempre que estava na cidade, o que, para ser franco, não era algo muito comum de acontecer. Hegbert, além de acreditar que os fornecedores estavam condenados a limpar as latrinas do inferno, também acreditava que o comunismo era “uma doença que condenava a raça humana ao paganismo”. Toda a congregação sabia que ele dirigia as suas palavras especificamente ao meu pai, sentado de olhos fechados e fingindo não ouvir. Meu pai era membro de um dos comitês do congresso que vigiava a “Influência Vermelha”, que supostamente se infiltrava em todos os aspectos do país, incluindo a defesa nacional, o ensino superior, e até mesmo as plantações de tabaco. Lembre-se de que isso ocorreu durante a Guerra Fria; havia fortes tensões no ar, e os habitantes da Carolina do Norte precisavam de algo que trouxesse tudo isso para um nível mais pessoal. Meu pai constantemente procurava por fatos, que eram irrelevantes para pessoas como Hegbert.

Depois, quando meu pai voltava para casa após o culto, ele dizia algo como “O reverendo Sullivan estava ótimo hoje. Espero que você tenha ouvido aquela parte das Escrituras na qual Jesus falava sobre os pobres...”.

Claro, pai, claro...

Meu pai tentava acalmar as situações, sempre que possível. Eu acho que é por isso que ele ficou no congresso durante tanto tempo. Ele podia beijar os bebês mais feios já concebidos pela raça humana e ainda era capaz de dizer algo gentil. “É uma criança muito tranquila”, ou, “Aposto que é a menina mais adorável do mundo”, mesmo que

ela tivesse uma mancha de nascença que lhe cobrisse o rosto inteiro. Houve uma vez em que uma senhora apareceu com uma criança em uma cadeira de rodas. Meu pai deu uma olhada no garoto e disse, “Aposto dez contra um que você é o garoto mais inteligente na sua sala de aula”. E ele era! Pois é, meu pai era ótimo nessas coisas. Ele poderia competir com os melhores, com certeza. E não era uma pessoa maldosa, especialmente se você considerar o fato de que não me batia, nem fazia nada do tipo.

Mas ele não estava por perto enquanto eu crescia. Eu detesto dizer isso, porque hoje em dia as pessoas dizem esse tipo de coisa mesmo que seus pais estejam presentes, e usam essa bobagem para justificar seu comportamento. *Meu pai... Ele não me amava... É por isso que eu me tornei uma stripper e apareci no The Jerry Springer Show*<sup>1</sup>. Não estou dizendo isso para justificar o tipo de pessoa que me tornei; simplesmente é um fato. Meu pai passava nove meses fora de casa, morando em um apartamento em Washington DC, a 500 quilômetros de distância. Minha mãe não foi com ele porque ambos queriam que eu crescesse “do mesmo jeito que eles cresceram”.

É claro, o pai do meu pai o levou para caçar e pescar, ensinou-o a jogar bola, aparecia nas festas de aniversário e todas aquelas coisas pequenas que são importantes antes da idade adulta. Meu pai, por outro lado, era um estranho, alguém que eu mal conhecia. Nos primeiros cinco anos da minha vida, eu achava que todos os papais moravam em algum outro lugar. Foi somente quando meu melhor amigo, Eric Hunter, me perguntou no jardim de infância sobre o homem que apareceu na minha casa na noite anterior que me dei conta: havia alguma coisa que não estava muito certa naquela situação toda.

“Ele é meu pai”, eu disse orgulhoso.

---

<sup>1</sup> Programa popular da televisão americana, especializado em mostrar brigas e baixarias entre os participantes. (N. do T.)

“Ah,” disse Eric, enquanto revirava a minha lancheira à procura do meu caramelo Milky Way. “Eu não sabia que você tinha pai.”

Nada como ter um fato jogado direto na minha cara.

Assim, cresci sob os cuidados da minha mãe. Essa sim era uma boa senhora, amável e gentil, o tipo de mãe com a qual a maioria das pessoas sonha. Mas ela não era, nem poderia ser, uma influência masculina na minha vida, e este fato, junto com a minha desilusão crescente em relação ao meu pai, fez com que me tornasse um tipo rebelde, mesmo quando era novo. Não o tipo maldoso, veja bem. Eu e meus amigos, às vezes, saíamos à noite para cobrir as janelas dos carros com sabão ou comer amendoins cozidos no cemitério atrás da igreja, mas, nos anos 1950, era o tipo de coisa que fazia outros pais e mães balançarem a cabeça e sussurrar para seus filhos: “Você não vai querer ser como aquele garoto, o Carter. Ele ainda vai acabar na cadeia”.

Eu. Um *bad boy*. Simplesmente por comer amendoins cozidos no cemitério. Vai entender.

De qualquer maneira, meu pai e Hegbert não se davam bem, mas não era apenas por causa da política. Não. Parece que meu pai e Hegbert se conheciam há muito tempo. Hegbert era 20 anos mais velho do que o meu pai, e, antes de se tornar pastor, trabalhou para o pai do meu pai. Meu avô — ainda que tenha passado muito tempo com meu pai — era um verdadeiro desgraçado. Foi ele que conseguiu juntar a fortuna da família, mas não quero que você pense nele como o tipo de pessoa que se matava de trabalhar, executando suas tarefas com responsabilidade, observando a empresa crescer e prosperando lentamente com o tempo. Meu avô era muito mais esperto do que isso. A maneira que ele encontrou para ganhar dinheiro era simples — começou como contrabandista, acumulando riquezas durante a Lei Seca, importando rum de Cuba ilegalmente. Depois começou a comprar terras e a contratar arrendatários para trabalhar na lavoura. Ele ficava com 90% do dinheiro que os arrendatários faturavam com a plantação de tabaco, e depois lhes

emprestava dinheiro sempre que precisassem, sempre a juros exorbitantes. E ele não estava interessado em receber o dinheiro de volta. Em vez disso, procurava receber os pagamentos das dívidas tomando terras ou equipamentos que seus devedores possuíam. Então, naquilo que ele chamou de “seu momento de inspiração”, fundou um banco chamado Carter Finanças e Empréstimos. O único outro banco em um raio de dois condados foi misteriosamente destruído em um incêndio, e que, com o advento da Grande Depressão após a quebra da Bolsa de Valores de 1929, nunca reabriu. Embora todos soubessem o que realmente havia acontecido, nenhuma palavra foi dita por medo de represálias, e o medo tinha um bom fundamento. Aquele banco não foi o único imóvel que havia sido misteriosamente destruído por um incêndio.

As taxas de juros que ele cobrava eram absurdas, e, pouco a pouco, começou a adquirir mais terras e propriedades, conforme as pessoas ficavam sem condições de pagar suas hipotecas e empréstimos. Quando a Grande Depressão estava na sua pior fase, tornou-se dono de dezenas de empresas por todo o condado, enquanto mantinha os antigos proprietários como empregados trabalhando em troca de salário, que mal era o suficiente para mantê-los onde estavam, já que não tinham nenhum lugar para ir. Ele dizia que venderia as empresas de volta aos seus antigos donos quando a economia melhorasse, e as pessoas sempre acreditaram nele.

Mas nunca cumpriu aquela promessa. Depois de um tempo, controlava uma imensa porção da economia do condado, e abusava do seu poder de todas as formas possíveis e imagináveis.

Eu gostaria de dizer que ele encontrou seu fim em uma morte terrível, mas não foi bem assim. Ele morreu de velhice enquanto dormia com uma amante em seu iate, próximo às Ilhas Cayman. Ele viveu mais do que as suas duas esposas e seu único filho. Que final feliz para um cara daqueles, hein? A vida, eu aprendi, nunca é justa. Deveriam ensinar isso nas escolas.

Mas, voltando à história... Quando Hegbert percebeu que meu avô era realmente um cara desprezível, pediu demissão e entrou para a vida religiosa. Depois, voltou para Beaufort e começou a presidir a mesma igreja que nós frequentávamos. Ele passou seus primeiros anos aperfeiçoando o seu discurso sobre o fogo do inferno com sermões mensais sobre a crueldade dos gananciosos, e isso lhe deixava pouco tempo para qualquer outra coisa. Ele tinha 43 anos quando casou; e tinha 53 anos quando sua filha, Jamie Sullivan, nasceu. Sua esposa, uma mulher magra e pequena, 20 anos mais nova do que ele, passou por seis abortos espontâneos antes que Jamie nascesse, e mesmo assim acabou morrendo no parto, fazendo de Hegbert um viúvo que teve de criar a filha sozinho.

Portanto, aí está a história por trás da peça de teatro.

As pessoas conheciam a história até mesmo antes da primeira encenação da peça. Era uma daquelas histórias que eram contadas sempre que Hegbert batizava uma criança ou comparecia a um enterro. Todos sabiam, e é por isso, eu acho, que tantas pessoas se emocionavam quando assistiam à peça de Natal. Eles sabiam que ela era baseada em uma história real, e isso lhe dava um significado todo especial.

Jamie Sullivan também estava no último ano do ensino médio, assim como eu, e já havia sido escolhida para interpretar o anjo, mesmo porque ninguém mais tinha condições de competir com ela. Isto, é claro, tornava a apresentação ainda mais especial naquele ano. Ia ser um evento e tanto, talvez o maior de todos os tempos — pelo menos era o que a Srta. Garber dizia. Ela era professora de arte dramática, e já estava empolgada com as possibilidades na primeira vez em que a encontrei na sala de aula.

Não estava nos meus planos fazer aulas de teatro naquele ano. Realmente não estava, mas era aquilo ou fazer química II. Eu achei que seria uma matéria sem compromisso, especialmente comparada com a minha outra opção. Nenhum trabalho para entregar,

nenhuma prova, nenhuma tabela que eu tivesse de memorizar prótons e nêutrons e combinar elementos com as fórmulas adequadas... O que poderia ser melhor para alguém no último ano do ensino médio? Parecia não haver erro na minha escolha, e, quando me registrei para aquelas aulas, achei que conseguiria simplesmente passar quase todas as aulas dormindo, o que, considerando os meus hábitos noturnos de comer amendoins, era algo relativamente importante naquela época.

No primeiro dia de aula fui um dos últimos a chegar, entrando poucos segundos antes que a sirene tocasse, e me sentei no fundo da sala. A Srta. Garber estava de costas para os alunos, ocupada escrevendo seu nome em grandes letras cursivas no quadro, como se não soubéssemos quem ela era. Todos sabiam — era impossível não conhecê-la. Ela era enorme, com quase 1,90 m de altura, com um cabelo ruivo flamejante e uma pele clara que ressaltava suas sardas, mesmo após os 40 anos. Ela também estava acima do peso — honestamente, acho que passava dos 100 quilos — e tinha uma predileção por longos vestidos floridos. Ela usava óculos grossos de aros escuros, e cumprimentava a todos com um “Olááá”, quase cantando a última sílaba. A Srta. Garber era única, com certeza, e era solteira, o que deixava tudo ainda pior. Era difícil para um homem, independente da idade que tivesse, não sentir pena de uma mulher como ela.

Depois do seu nome, escreveu os objetivos que pretendia alcançar naquele ano. “Autoconfiança” era o primeiro, seguido por “Autocônchecimento” e, por último, “Autorrealização”. A Srta. Garber gostava muito de palavras iniciadas com “auto”, o que a colocava bem além da média considerada pela psicoterapia, embora talvez não percebesse isso na época. A Srta. Garber foi pioneira naquele campo. Talvez tivesse a ver com a sua aparência; talvez simplesmente estivesse tentando se sentir melhor, apesar de si mesma.

Mas estou divagando.

Só percebi que havia algo estranho depois que a aula começou. Embora a Escola de Beaufort não fosse grande, eu sabia que havia uma quantidade quase igual de garotos e garotas. Foi por isso que fiquei surpreso quando vi que pelo menos 90% daquela sala era composta por garotas. Só havia outro rapaz na turma, o que, na minha cabeça, era algo legal, e, por um momento, me empolguei com uma sensação de “Cuidado, mundo, aqui vou eu”. Garotas, garotas, garotas... Eu não conseguia evitar o pensamento. Garotas, garotas e nenhuma prova à vista.

Certo, talvez eu não fosse o tipo de pessoa que pensava adiante.

Assim, a Srta. Garber mostra a peça de Natal e diz a todos que Jamie Sullivan será o anjo naquele ano. A Srta. Garber começou a aplaudir imediatamente — ela também frequentava a igreja — e havia muitas pessoas que pensavam que estava atrás de Hegbert, romanticamente falando. Na primeira vez que ouvi isso, lembro-me de ter pensado que era bom que ambos estivessem velhos demais para terem filhos, se é que um dia ficariam juntos. Imagine só — pele transparente e com sardas? Simplesmente pensar nisso fazia todo mundo ter arrepios, mas, é claro, ninguém nunca falou nada sobre isso, pelo menos enquanto a Srta. Garber e Hegbert estavam por perto. Fofoca é uma coisa, e fofoca maldosa é outra, completamente diferente. Mesmo durante o ensino médio nós não éramos tão cruéis.

A Srta. Garber continuou aplaudindo, sozinha por alguns momentos, até que todos começamos a bater palmas também, porque obviamente era o que ela queria. “Levante-se, Jamie”, ela disse. Então, Jamie se levantou e virou-se, e a Srta. Garber começou a aplaudir ainda mais rápido, como se estivesse na presença de uma estrela de cinema.

Jamie Sullivan era uma boa garota. De verdade. Beaufort era tão pequena que só tinha uma escola primária, então nós estivemos na mesma classe durante a vida inteira, e eu estaria mentindo se dissesse que nunca conversei com ela. Uma vez, no segundo ano, ela se sentou

na carteira ao lado da minha o ano inteiro, e nós chegamos até a conversar algumas vezes, mas isso não significa que eu tenha passado muito tempo ao redor dela depois que as aulas acabavam. As pessoas com quem eu conversava na escola eram uma coisa; as pessoas com quem eu conversava *depois* da escola eram algo totalmente diferente, e Jamie nunca havia estado no meu calendário social.

Não que Jamie não fosse atraente — não me entenda mal. Ela não era horrorosa, nem nada perto disso. Felizmente, havia puxado a mãe, o que, baseado nas fotos que eu vi, não era de todo mal, especialmente considerando a pessoa com quem ela se casou. Mas Jamie também não era exatamente o que eu considerava atraente. Apesar de ser magra, com cabelo loiro tom mel e olhos azuis gentis, na maior parte do tempo parecia simplesmente... *sem sal*, e isso quando você conseguia percebê-la. Jamie não se importava muito com aparências, porque sempre estava procurando por coisas como “a beleza interior”, e eu acho que isso é parte da razão pela qual ela tinha aquela aparência. Desde que a conheci — e isso faz muito tempo, lembre-se — ela sempre arrumava o cabelo em um coque, um penteado apropriado para uma senhora solteirona, e nunca usava nenhum tipo de maquiagem no rosto. Com o seu habitual blusão marrom e sua saia xadrez, ela parecia sempre estar a caminho da biblioteca para uma entrevista de emprego. Nós pensávamos que era fase, e que algum dia ela se cansaria daquilo, mas isso nunca aconteceu. Durante nossos primeiros três anos do ensino médio, ela não tinha mudado nada. A única coisa que havia mudado foi o tamanho das suas roupas.

Mas a aparência de Jamie não era a única coisa que a tornava diferente; também havia o jeito dela. Jamie nunca aparecia na lanchonete Cecil’s Diner e nunca passava a noite na casa das suas amigas, e eu sabia que ela nunca havia tido um namorado. O velho Hegbert provavelmente teria um ataque do coração se isso acontecesse. Mas, mesmo se Hegbert viesse a permitir tal coisa, por algum capricho do

destino, não fazia diferença. Jamie levava sua bíblia para qualquer lugar que fosse, e, se a sua aparência e Hegbert não fossem capazes de afastar os garotos, a bíblia certamente conseguia. Bem, eu gostava da bíblia tanto quanto qualquer garoto adolescente, mas Jamie parecia gostar daquele livro de uma maneira que era completamente estranha para mim. Por mais de uma vez passou as férias escolares indo para a Escola Bíblica, mas ela lia a bíblia durante o intervalo para o almoço na escola. Eu pensava que ela simplesmente não era normal, mesmo que fosse a filha do pastor. Mesmo assim, não importa como você abordava as cartas do apóstolo Paulo para os efésios. Não era tão divertido quanto paquerar, se é que você me entende.

Mas Jamie não parava por aí. Por causa de seu hábito de ler a bíblia, ou talvez por causa da influência de Hegbert, Jamie acreditava que era importante ajudar os outros, e ajudar os outros era exatamente o que ela fazia. Eu sabia que ela prestava serviços voluntários no orfanato de Morehead City, mas para ela aquilo simplesmente não era o bastante. Ela sempre estava ocupada com a organização de algum evento para angariar fundos, ajudando a todos, desde os escoteiros até os grupos de pais e filhas, e eu sabia que, aos 14 anos, passou uma parte do verão ajudando a pintar as paredes externas da casa de um vizinho idoso. Jamie era o tipo de garota que tirava as ervas daninhas do gramado de alguém sem que lhe pedissem, ou que parava o trânsito para ajudar crianças pequenas a atravessar a rua. Ela guardava a sua mesada para comprar uma nova bola de basquete para os órfãos, ou simplesmente colocava o dinheiro na caixa de doações da igreja durante o culto de domingo. Em outras palavras, era o tipo de garota que fazia com que todos os outros sentissem vergonha de si mesmos. E, sempre que olhava para mim, eu não conseguia evitar a sensação de culpa, mesmo que não tivesse feito nada errado.

Jamie não fazia boas ações para ajudar somente as pessoas. Se encontrasse algum animal ferido, por exemplo, tentaria ajudá-lo

também. Gambás, esquilos, cães, gatos, rãs... Não importava para ela. O doutor Rawlings, o veterinário, a conhecia de vista, e ele sempre balançava a cabeça, desapontado, quando ele a via chegando à sua porta, carregando uma caixa de papelão com outra criaturazinha dentro. Ele tirava os óculos e os limpava com seu lenço enquanto Jamie explicava como havia encontrado o pobre animal e o que havia acontecido com ele. “Ele foi atropelado, Dr. Rawlings. Eu acho que estava nos planos de Deus que eu o encontrasse e tentasse salvá-lo. O senhor vai me ajudar, não vai?”

Com Jamie, tudo estava nos planos de Deus. Aquilo era outra coisa. Ela sempre mencionava os planos de Deus quando você conversava com ela, qualquer que fosse o assunto. O jogo de beisebol foi cancelado por causa da chuva? Devem ter sido os planos de Deus para impedir que algo pior acontecesse. Uma prova surpresa de trigonometria, na qual toda a sala tira nota baixa? Dar-nos desafios deve estar nos planos de Deus. Dá para você ter uma ideia do que eu estou falando.

E, claro, sempre havia Hegbert, e isso não deixava a coisa mais fácil. Ser a filha do pastor não deveria ser fácil, mas ela fazia parecer a coisa mais natural do mundo, e dizia que era feliz por ter sido abençoada daquela forma. É assim que ela costumava falar: “Eu me sinto muito abençoada por ter um pai como o meu”. Sempre que ela dizia isso, tudo que podíamos fazer era balançar a cabeça e imaginar de qual planeta havia vindo.

Apesar de tudo isso, a única coisa que *realmente* me deixava louco a seu respeito era o fato de sempre estar alegre, não importa o que estivesse acontecendo ao seu redor. Posso jurar que aquela garota nunca disse uma única coisa ruim ou maldosa sobre nada nem ninguém, mesmo aqueles de nós que não a tratavam bem. Ela cantarolava para si mesma enquanto andava pela rua, acenava para os estranhos que passavam dirigindo seus carros. Às vezes, algumas senhoras saíam correndo de suas casas para ver se ela estava passando, e lhe ofereciam

pão de abóbora que estiveram assando o dia inteiro, ou limonada se o sol estivesse muito forte. Parecia que todos os adultos da cidade a adoravam. “Ela é uma jovem tão adorável”, diziam eles, sempre que o nome de Jamie surgia nas conversas. “O mundo seria um lugar melhor se houvesse mais pessoas como ela.”

Mas meus amigos e eu não compartilhávamos daquela opinião. Para nós, uma única Jamie Sullivan era mais do que suficiente.

Eu estava pensando sobre tudo isso quando Jamie foi até a frente da classe no nosso primeiro dia de aula de arte dramática, e admito que não tinha muito interesse em vê-la. Ela estava usando uma saia xadrez com uma blusa branca por baixo de seu blusão marrom que eu havia visto inúmeras vezes, mas havia duas novas saliências no seu peito que eu podia jurar que não estavam ali há três meses. Jamie nunca usava maquiagem, mas estava com um bronzeado perceptível, provavelmente por causa da escola bíblica, e, pela primeira vez, ela parecia... bem, quase bonita. Claro, eu ignorei aquele pensamento imediatamente, mas, quando ela olhou pela sala, ela parou e sorriu diretamente para mim, obviamente feliz em ver que eu estava na sala. Demorou algum tempo até que eu soubesse a razão.

